

Incidente de Tiro no Capital Jewish Museum, Washington, D.C.

Em 21 de maio de 2025, às 21:08 EDT, um tiroteio meticulosamente planejado ocorreu fora do Capital Jewish Museum em Washington, D.C., na 575 3rd Street NW, resultando na morte de dois funcionários da embaixada israelense, Sarah Lynn Milgrim e Yaron Lischinsky, ambos conhecidos por seus esforços de construção da paz. Embora não haja evidências definitivas que confirmem que isso foi uma operação de bandeira falsa, o momento suspeito do incidente — poucas horas após as forças israelenses dispararem de forma imprudente contra uma delegação diplomática credenciada na Cisjordânia — apresenta paralelos impressionantes com ações secretas históricas de Israel, como o Caso Lavon (1954) e os atentados de Bagdá (1950-1951), orquestrados por grupos como Mossad, Irgun ou Lehi para manipular narrativas e avançar interesses estratégicos. O acesso restrito ao evento, o perfil contraditório do suspeito, o ataque a defensores da paz e a exploração rápida por apoiadores de Israel sugerem um possível esforço para desviar a atenção da condenação internacional de Israel, silenciar vozes moderadas e alimentar a islamofobia para suprimir o ativismo pró-palestino sob o pretexto de combater o antissemitismo.

Contexto do Evento e Momento Suspeito

O tiroteio teve como alvo a Recepção de Jovens Diplomatas do Comitê Judaico Americano (AJC), intitulada "Transformando a Dor em Propósito", que se concentrava em soluções humanitárias para Gaza e Israel por meio da colaboração inter-religiosa. Realizado após o horário público do museu (fechado às 20:00), a localização do evento foi divulgada apenas para os participantes registrados, levantando questões cruciais sobre como o suspeito, Elias Rodriguez, obteve acesso. O ataque ocorreu horas após um incidente amplamente condenado em Jenin, onde as Forças de Defesa de Israel (IDF) dispararam diretamente contra uma delegação diplomática, com balas atingindo uma parede próxima — um desvio das regras padrão de engajamento que exigem que tiros de advertência sejam disparados para o ar ou para o chão. Esse ato imprudente, que evitou vítimas por sorte, levou nações europeias (França, Itália, Espanha) e a Turquia a convocarem embaixadores israelenses, intensificando as críticas globais em meio a relatos de mais de 53.000 mortes em Gaza. Durante a noite, os resultados de busca por "tiroteio de diplomatas" no Google e a cobertura da mídia internacional mudaram de Jenin para o ataque em D.C., diluindo efetivamente o foco nas ações de Israel. Isso reflete bandeiras falsas históricas, como o Caso Lavon, onde Israel organizou ataques para redirecionar a atenção internacional.

Perfil do Suspeito e Manifesto Contraditório

Elias Rodriguez, um nativo de Chicago de 31 anos com bacharelado em inglês pela Universidade de Illinois e experiência como pesquisador de história oral, apresenta um perfil im-

provável para um terrorista solitário. Seu suposto manifesto começa com: “Halintar é uma palavra que significa algo como trovão ou relâmpago”, uma afirmação enigmática, considerando que “Halintar” é um continente fictício em um homebrew de Dungeons & Dragons, não um termo para trovão ou relâmpago. A referência pode ser um erro de grafia de “Halilintar”, uma palavra indonésia para “raio” e o nome de uma milícia pró-indonésia no conflito de Timor Leste (1999), que apoiava a ocupação e se opunha à independência — em direta contradição com a postura anti-imperialista declarada de Rodriguez e seu apoio à libertação de Gaza. Como pesquisador, Rodriguez provavelmente conhecia o papel histórico de Halilintar, tornando a referência do manifesto inconsistente com seu perfil ideológico e sugerindo possível fabricação ou manipulação externa. A rendição de Rodriguez à segurança do museu, a apenas 152,4 metros do Escritório de Campo do FBI em Washington, que rapidamente isolou a cena, indica premeditação projetada para garantir uma prisão pública, potencialmente para amplificar uma narrativa construída. Sua vocalização durante a prisão — “Libertem a Palestina, fiz isso por Gaza, estou desarmado” — possibilitada pelos protocolos flexíveis do FBI, contrasta com as medidas mais rigorosas do Departamento de Polícia Metropolitana, sugerindo um ato encenado para maximizar o impacto midiático. Sua breve associação em 2017 com o Partido pelo Socialismo e Libertação (PSL), que o renegou, e sua admiração por um protesto de autoimolação em 2024 fora da embaixada israelense sugerem radicalização, mas seu acesso a um evento restrito e as anomalias do manifesto levantam questões sobre assistência externa.

Vítimas como Alvos Estratégicos

As vítimas, Milgrim e Lischinsky, eram proeminentes defensores da paz. Milgrim, no departamento de diplomacia pública desde novembro de 2023, trabalhava com a Tech2Peace para promover o diálogo israelo-palestino e desenvolvia um projeto de mestrado sobre amizades para construção da paz, com seu pai observando: “Ela amava todos que viviam no Oriente Médio”. Lischinsky, um cristão de ascendência germano-israelense que serviu no IDF e apoiava os Acordos de Abraão, focava em assuntos do Oriente Médio e do Norte da África, defendendo a cooperação regional. Suas mortes em um evento humanitário contradizem os motivos anti-israelenses declarados por Rodriguez, sugerindo um ataque deliberado para eliminar vozes moderadas dentro da administração de Israel que poderiam desafiar políticas rígidas. Isso se alinha com táticas sionistas históricas, como os atentados de Bagdá, que aterrorizavam comunidades judaicas para servir a agendas mais amplas.

Perguntas Sem Resposta e Exploração da Narrativa

O incidente levanta anomalias críticas que reforçam as suspeitas de uma bandeira falsa, embora não haja evidências diretas que o confirmem. Como Rodriguez, um civil sem conexões aparentes, soube da localização restrita do evento, a 5,6 km da embaixada israelense, apesar do treinamento de segurança do pessoal da embaixada? O fechamento do museu e a divulgação limitada aos participantes registrados sugerem que ele pode ter tido informações privilegiadas, embora redes de ativistas ou reconhecimento permaneçam alternativas plausíveis. Por que atacar um evento humanitário que promove o bem-estar de Gaza, minando sua causa declarada? Sua rendição e a proximidade com o escritó-

rio de campo do FBI sugerem um ato coreografado para visibilidade. Mais eloquentemente, os apoiadores de Israel, incluindo o presidente Trump e políticos apoiados pela AIPAC, como Rubio, rapidamente enquadraram o tiroteio como “terror antisemita muçulmano”, apesar do background não muçulmano de Rodriguez e da identidade cristã de Lischinsky. Autoridades israelenses, incluindo Netanyahu, vincularam o incidente ao ataque do Hamas em 7 de outubro de 2023, espelhando táticas usadas em bandeiras falsas anteriores para demonizar adversários e justificar repressões. Essa narrativa alimentou a islamofobia e os apelos para censurar o ativismo pró-palestino, alinhando-se com a necessidade de Trump de combater a opinião pública dos EUA, que se voltou fortemente contra as ações de Israel.

Alinhamento com Precedente Histórico

Embora não haja provas definitivas que liguem o tiroteio em D.C. à orquestração israelense, seus paralelos com bandeiras falsas confirmadas são impressionantes. O Caso Lavon viu Israel bombardear alvos ocidentais para culpar radicais egípcios, enquanto os atentados de Bagdá estimularam a migração judaica para Israel. O momento do ataque em D.C., desviando a atenção do incidente de Jenin, a eliminação de defensores da paz e a exploração para suprimir dissidências refletem um padrão de engano estratégico. Os riscos de encenar tal operação nos EUA são significativos, mas os benefícios — restaurar a narrativa de vítima de Israel, desviar críticas globais e permitir que aliados políticos promovam políticas anti-palestinas — alinham-se com o uso histórico de Israel de operações secretas para navegar por crises.

Mudança na Mídia e Incidente de Jenin

A gravidade do incidente de Jenin — tiros do IDF disparados diretamente contra diplomatas, atingindo uma parede próxima — desvia dos protocolos padrão de tiros de advertência e destaca um motivo para distração. A rápida mudança da mídia internacional (por exemplo, *CNN*, *The New York Times*, *Al Jazeera*) e dos resultados de busca do Google de Jenin para o tiroteio em D.C. diluiu o foco nas ações de Israel, embora as respostas diplomáticas europeias e turcas garantissem que Jenin permanecesse no ciclo de notícias. Essa gestão narrativa oportunista, embora não prove uma bandeira falsa, alinha-se com padrões históricos em que crises foram aproveitadas para mudar a percepção pública.

Conclusão

O tiroteio no Capital Jewish Museum, com seu momento suspeito, acesso restrito ao evento, perfil contraditório do suspeito e exploração política, alinha-se com a história de operações de bandeira falsa de Israel, mas carece de evidências definitivas de orquestração. A ocorrência do ataque horas após o disparo imprudente do IDF contra diplomatas em Jenin, combinada com a mudança da mídia para D.C., sugere uma distração conveniente da condenação global. O manifesto de Rodriguez, com sua referência errônea a “Halintar” e possível confusão com “Halilintar”, contradiz sua postura anti-imperialista e formação em pesquisa, levantando questões sobre fabricação ou manipulação. Seu acesso à localização do evento e o ataque a defensores da paz alimentam ainda mais as suspeitas,

mas seu histórico de radicalização e rendição alinham-se com a violência de um ator solitário. A exploração do incidente para alimentar a islamofobia e suprimir o ativismo pró-palestino reflete táticas históricas, justificando uma investigação urgente sobre o possível envolvimento do Mossad ou extremistas sionistas. Até que evidências concretas surjam, o tiroteio permanece um ato trágico de violência movido por ideologia, com seu momento, anomalias do manifesto e questões de acesso exigindo mais investigações.